

ELSINORE

DANIEL MENDELSON

Vencedor do NATIONAL BOOK CRITICS CIRCLE AWARD
e do PRIX MÉDITERRANÉE ÉTRANGER 2018



UMA

ODISSEIA

Um pai, um filho e uma epopeia

«Uma fulgurante história sobre identidade e reencontro.»

THE LOS ANGELES REVIEW OF BOOKS

NOTA DO AUTOR

Tendo em vista a coerência da narrativa e tendo em consideração a privacidade dos estudantes do meu seminário sobre a *Odisseia* e a dos passageiros a bordo do cruzeiro «Recordar a *Odisseia*», foram alterados os nomes e modificados alguns pormenores relacionados com acontecimentos e personagens.

PROÉMIO

(INVOCACÃO)

1964-2011

Com efeito, o argumento da *Odisseia* não é longo: certo homem anda errante muitos anos fora do seu país, vigiado por Poséidon e sozinho, e, entretanto, em sua casa, os seus bens são desbaratados por pretendentes que conspiram também contra o seu filho. Então, chega ele, depois de sofrer uma tempestade e, dando-se a conhecer a alguns, ataca e salva-se, matando os seus inimigos. Isto é o enredo propriamente dito; tudo o mais são episódios.

ARISTÓTELES, *Poética*

(3.^a ed., trad. de Ana Maria Valente,
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2008, p. 74)

N um fim de tarde de janeiro, há uns anos, mesmo antes do início do período de primavera em que eu ia ensinar num seminário sobre a *Odisseia* para estudantes universitários, o meu pai, um cientista investigador reformado, então com 81 anos, perguntou-me — por razões que eu, na altura, pensei ter compreendido — se podia assistir ao curso, e eu disse que sim. Uma vez por semana, nas dezasseis semanas seguintes, faria a viagem entre a casa nos subúrbios de Long Island onde cresci, um modesto apartamento de dois pisos em que ele ainda vivia com a minha mãe, e o *campus* à beira-rio do pequeno colégio universitário onde eu ensino e que se chama Bard. Às dez e dez, todas as sextas-feiras pela manhã, iria sentar-se entre os caloiros que estavam matriculados no curso, jovens de 17 ou 18 anos que não tinham sequer um quarto da sua idade, e participar na discussão desse velho poema, uma epopeia acerca de longas viagens e longos casamentos, e do que significa ansiar pelo lar.

Estávamos no pino do inverno quando esse período escolar começou, e quando o meu pai não me estava a tentar convencer de que o herói do poema, Ulisses¹, não era, de facto, um «verdadeiro»

¹ Herdada do latim, a forma aportuguesada do nome do protagonista mascara a afinidade patente em grego entre o nome do herói e o título da respetiva epopeia: Odysseus – *Odisseia*. [Todas as notas de rodapé são do tradutor]

herói (porque, diria ele, é um mentiroso e enganou a mulher!), andava muito preocupado com o estado do tempo: a neve no para-brisas, a chuva parcialmente congelada nas estradas, o gelo sobre os passeios. Tinha medo de cair, dizia, com aquelas suas vogais ainda marcadas pela infância passada no Bronx. Por causa do seu medo de cair, percorria cautelosamente o nosso caminho pelas estreitas veredas asfaltadas que conduziam ao edifício em que a turma se reunia, uma caixa de tijolo tão inofensiva como um Hotel Marriott, ou ao subir o pequeno passeio até à casa de empena alta, situada no limite do *campus*, que por poucos dias, todas as semanas, era o meu lar. Para evitar ter de fazer aquela viagem de três horas duas vezes no mesmo dia, ele passava com frequência a noite nessa casa e dormia no quarto suplementar que me serve de gabinete de trabalho, estendido num divã estreito que tinha sido a minha cama de infância: uma cama baixa de madeira que o meu pai tinha construído para mim, com as suas próprias mãos, quando eu tive idade suficiente para deixar o berço. Ora, quanto a essa cama, havia uma coisa que só o meu pai e eu sabíamos: era feita a partir de uma porta, uma porta oca, barata, à qual tinha aparafusado quatro robustos pés de madeira, segurando-os com suportes de metal, que estão tão solidamente presos hoje como estavam há cinquenta anos, quando ele juntou, pela primeira vez, o aço à madeira. Essa cama, com o seu pequeno e divertido segredo, que não se podia conhecer, a não ser que se levantasse o colchão e se visse por baixo a porta apainelada, era o leito em que o meu pai iria dormir naquele semestre de primavera do seminário sobre a *Odisseia*, não muito antes de que ficasse doente e de os meus irmãos, a minha irmã e eu termos de começar a tratar paternalmente dele, observando-o com ansiedade enquanto dormia de maneira irregular numa série de enormes geringonças, sofisticadamente mecanizadas, que dificilmente se pareciam, fosse como fosse,

com camas, roncando ruidosamente quando se inclinavam e levantavam como guindastes. Mas isso veio mais tarde.

O meu pai costumava achar divertido que eu, durante tanto tempo, dividisse o meu tempo por tantos lugares diferentes: essa casa no *campus* rural; o velho e doce lar em Nova Jérсия, onde viviam os meus rapazes e a sua mãe, e onde eu passava longos fins de semana; o meu apartamento em Nova Iorque, que, à medida que o tempo passava e a minha vida se expandia, primeiro, para incluir uma família e, depois, para ensinar, se havia tornado pouco mais do que numa breve paragem entre viagens de comboio. Estás sempre em viagem, dizia-me o meu pai, às vezes, no fim de uma conversa por telefone, e, quando dizia a palavra «viagem», eu conseguia imaginá-lo a abanar a cabeça de um lado para o outro, gentilmente desconcertado. Durante quase toda a sua vida, o meu pai tinha vivido numa só casa, aquela para onde se tinha mudado um mês antes de eu nascer e que deixou, pela última vez, num dia de janeiro de 2012, um ano, dia a dia, depois de ter começado a frequentar as minhas aulas sobre a *Odisseia*.

O curso dedicado à *Odisseia* decorreu entre finais de janeiro e princípios de maio. Uma semana, ou coisa parecida, depois de ter acabado, aconteceu eu estar ao telefone com a minha amiga Froma, uma erudita em estudos clássicos que tinha sido minha mentora na universidade após o bacharelato e que, ultimamente, gostava de ouvir os meus relatos periódicos sobre os progressos do Papá no decorrer do seminário da *Odisseia*. Num dado ponto da conversa, ela falou de um cruzeiro pelo Mediterrâneo, em que tinha participado havia um par de anos, chamado «Recordar a *Odisseia*». Devias fazê-lo!, exclamou Froma. Depois deste semestre, depois de ensinares a *Odisseia* ao teu pai, como é que podias não ir? Nem toda a gente concordou: quando mandei um e-mail a uma agente de viagens minha amiga, uma ucraniana loira cheia

de energia, chamada Yelena, para lhe perguntar o que pensava, a resposta chegou num minuto: EVITA TUDO O QUE SE PAREÇA COM CRUZEIROS TEMÁTICOS! Mas Froma tinha sido minha professora e eu ainda estava habituado a obedecer-lhe. Na manhã seguinte, quando telefonei ao meu pai e lhe falei da minha conversa com ela, ele fez um ruído não-comprometedor e disse: Vamos ver.

Fomos à Internet, para ver o site da linha de cruzeiros. Quando me deixei cair no sofá do apartamento de Nova Iorque, um tanto desgastado por mais uma semana a viajar para cima e para baixo ao longo do Corredor Nordeste da Amtrak², a olhar fixamente para o meu pequeno computador portátil, conseguia imaginá-lo sentado no atravancado escritório doméstico que, em tempos, fora o quarto que eu partilhava com o meu irmão mais velho, Andrew: as singelas camas baixas que ele tinha construído e a despreziosa secretária de carvalho, há muito tempo substituídas por secretárias de madeira prensada, compradas na Staples, cujas superfícies lisas e negras já estavam vergadas pelo peso do equipamento informático que tinham em cima, com os computadores pessoais e os pequenos portáteis, as impressoras e os *scanners*, os cabos encurvados, as molhadas de fios e as luzes a piscar e a dar a tudo aquilo a aparência de um quarto de hospital. O cruzeiro, conforme lemos, seguiria o convoluto itinerário, ao longo de uma década, do mítico herói, enquanto este, atormentado por naufrágios e monstros, se encaminhava para a terra natal, vindo da guerra de Troia. Começaria em Troia, no que é hoje a Turquia, e acabaria em Itháki, uma pequena ilha no mar a oeste da Grécia, que passa por ser a antiga Ítaca, o lugar a que Ulisses chamava a sua terra. «Recordar a *Odisseia*» era um cruzeiro «educativo», e o meu pai, embora menosprezasse qualquer coisa que se lhe afigurasse ser

² Serviço ferroviário federal norte-americano.

um luxo desnecessário — cruzeiros, visitas turísticas e veraneio —, era um grande crente na educação. Assim sendo, poucas semanas mais tarde, em junho, acabados de sair da recente imersão no texto da epopeia homérica, metemo-nos no cruzeiro, que durava dez dias ao todo, um dia por cada ano da longa viagem de Ulisses no regresso a casa.

Durante a nossa viagem, vimos quase tudo aquilo que esperávamos ver, estranhas paisagens novas e os restos das várias civilizações que as haviam ocupado. Vimos Troia, que, aos nossos olhos inexperientes, ao que mais se assemelhava era a um castelo de areia desfeito a pontapé por uma criança maldosa, com a sua lendária grandiosidade reduzida, hoje, a uma aglomeração de colunas e enormes pedras ao acaso, mirando cegamente o mar lá em baixo. Vimos os monólitos megalíticos na ilha de Gozo, ao largo de Malta, onde também há uma gruta que se diz ter sido a morada de Calipso, a bela ninfa, em cuja ilha Ulisses esteve encalhado durante sete anos, no decorrer das suas viagens, e que lhe ofereceu a imortalidade, contanto que ele abandonasse a sua mulher por ela. Mas ele recusou. Vimos as colunas elegantemente severas de um templo dórico deixado por acabar — por razões que é impossível saber — por uns gregos da era clássica em Segesta, na Sicília. A ilha em que, já para o final da sua viagem de regresso, a tripulação de Ulisses comeu a carne proibida do gado do deus solar Hiperion, um pecado pelo qual todos morreram. Visitámos o lugar desolado na costa da Campânia, perto de Nápoles, que os Antigos acreditavam ser a entrada para o Hades, a Terra dos Mortos — sendo esta outra paragem inesperada na viagem de Ulisses a caminho de casa, mas, talvez, não tão inesperada, porque, afinal, temos de acertar as nossas contas com os mortos antes de podermos continuar com a nossa vida. Vimos grossos fortes venezianos agachados em prados ressequidos do Peloponeso como rãs num charco

após um fogo, perto de Pilos, na Grécia meridional. A *Pylos* de Homero, uma pequena cidade na qual, segundo o poeta, se diz ter reinado um velho e amável rei, ainda que um tanto verboso, chamado Nestor, e onde este, uma vez, acolheu o jovem filho de Ulisses, que lá fora em busca de informações sobre o pai perdido há muito tempo. É assim que a *Odisseia* começa: um filho que vai à procura de um pai ausente. E, claro está, vimos também o mar, com as suas muitas caras, liso como o vidro e áspero como a pedra, em certas ocasiões jovialmente aberto e, noutras, totalmente inescrutável, às vezes de um azul fraco, tão claro que se podia ver diretamente até lá abaixo, até aos ouriços-do-mar lá no fundo, tão eriçados de picos e tão expectantes como minas que tivessem ficado de uma qualquer guerra de cujas causas e combatentes já ninguém se lembra, e, outras vezes, de um roxo impenetrável, que é aquela cor do vinho a que chamamos tinto, mas a que os Gregos chamam *negro*.

Vimos todas essas coisas nas nossas viagens, todos esses lugares, e aprendemos muito acerca dos povos que lá haviam vivido. O meu pai — em quem uma complicada cautela quanto aos perigos de ir praticamente a qualquer sítio tinha dado origem a certos ditos notórios (*o sítio mais perigoso do mundo é um parque de estacionamento, as pessoas guiam como doidas!*), de que os seus cinco filhos tanto gostavam de fazer troça — veio a sentir-se a gosto no seu papel de turista no Mediterrâneo. Mas, no fim, fruto de uma série de acontecimentos irritantes, alheios à vontade do comandante e da sua tripulação, que não demorei a descrever, não conseguimos fazer a última escala do itinerário. E, por isso, nunca vimos Ítaca, o lugar a que Ulisses tão afamadamente se esforçou por voltar, nunca vislumbrámos aquele que talvez seja o destino mais bem conhecido de toda a literatura. Mas, afinal, a própria *Odisseia*, cheia como está de súbitos contratempos e

surpreendentes desvios, treina o herói no desapontamento e ensina o público a esperar pelo inesperado. Por essa razão, o facto de não termos alcançado Ítaca é capaz de ter sido o aspeto mais odisseico do nosso cruzeiro educativo.

Esperar o inesperado. No fim do outono desse mesmo ano, poucos meses depois de o meu pai e eu termos voltado da viagem — que, como eu, por vezes, gracejava com o Papá, por nunca termos alcançado o nosso objetivo, ainda podia ser considerada incompleta, podia pensar-se que ainda estava em curso —, o meu pai caiu.

Há um termo que surge, quando se estuda literatura grega antiga, aparecendo igualmente tanto em obras de ficção como nas históricas, usado para descrever as origens remotas de um qualquer desastre: *arkhê kakôn*, «a origem de todos os males». Na maioria dos casos, os «males» em causa são guerras. O historiador Heródoto, por exemplo, ao tentar determinar a causa de uma grande guerra entre os Gregos e os Persas que teve lugar na década de 480 a.C., diz que a decisão tomada pelos Atenienses de mandar navios a alguns aliados, muitos anos antes da abertura das hostilidades propriamente ditas, fora a *arkhê kakôn* desse conflito. (Heródoto escrevia em finais do século V a.C., aproximadamente três séculos e meio depois de Homero ter composto os seus poemas acerca da guerra de Troia, a qual, segundo alguns eruditos antigos, tinha tido lugar três séculos antes da vida de Homero.) Mas a expressão *arkhê kakôn* pode também ser usada para descrever as origens de outros tipos de acontecimentos. O dramaturgo Eurípides, por exemplo, usa-a num dos seus dramas para descrever um casamento infeliz, uma união malfadada que pôs em marcha uma sequência de acontecimentos cujo desfecho desastroso é o clímax da peça.

Tanto a guerra como os maus casamentos convergem para a *arkhê kakôn* mais famosa de todas: o momento em que um príncipe de Troia, Páris, escapa com uma rainha grega, Helena, mulher de

outro homem. Assim, segundo o mito, começa a guerra de Troia, o conflito que durou uma década, desencadeado pelos Gregos para recuperar a caprichosa Helena e punir os habitantes de Troia. (Uma das razões por que a guerra prosseguiu durante tanto tempo foi a circunstância de Troia estar rodeada de muralhas inexpugnáveis; estas cederam finalmente, ao cabo de um cerco de dez anos, apenas devido a um truque — o cavalo de Troia — concebido pelo herói da *Odisseia*, notoriamente astucioso.) Qualquer que possa ter sido o seu fundamento na história remota — houve, de facto, uma cidade antiga localizada no sítio turco que o meu pai e eu visitámos, e que foi destruída violentamente, mas, além disso, só podemos fazer conjeturas —, o mítico cataclismo que resulta do adultério de Helena com Páris tem sido fonte para poetas, dramaturgos e romancistas ao longo dos últimos três milénios e meio: incontáveis mortes de ambos os lados, o chocante saque da grande cidade, as escravizações e as humilhações, os infanticídios e os suicídios, e, depois, por fim, os regressos à pátria, desventuradamente prolongados, daqueles gregos que haviam sido assaz inteligentes ou afortunados para sobreviver à própria guerra.

Arkhê kakôn. A segunda palavra desta expressão é uma forma do grego *kakos*, «mau», ou «mal», que sobrevive no inglês «*cacophony*»³, um «som mau» — uma maneira razoável de descrever o barulho feito pelas mulheres quando os filhos de tenra idade são atirados do alto das muralhas de uma cidade derrotada, o que é uma das coisas más que aconteceram após a queda de Troia. A primeira palavra da expressão, *arkhê*, «origem» — às vezes tem o sentido de «inicial», ou «antigo» —, também faz sentir a sua presença em certas palavras inglesas, como, por exemplo, em «*archetype*»⁴,

³ Em português, *cacofonia*.

⁴ Em português, *arquétipo*.

que significa, literalmente, «primeiro modelo». Um arquétipo é a primeira ocorrência de uma coisa, tão antiga na sua autoridade que constitui um exemplo para todos os tempos. Qualquer coisa pode ser um arquétipo: uma arma, um edifício, um poema.

Para o meu pai, a *arkhê kakôn* foi um acidente menor, um único passo em falso que ele deu no parque de estacionamento de um supermercado na Califórnia, onde ele e o meu irmão Andrew tinham ido buscar artigos de mercearia para um encontro familiar aguardado há muito. Todos os seus cinco filhos vinham com as respetivas famílias juntar-se a ele e à Mãe, para passar um longo fim de semana em casa do Andrew e da Ginny na Bay Area, perto de São Francisco; todos iam percorrer grandes distâncias para lá chegar. A minha parceira parental, Lily, os nossos dois rapazes e eu vínhamos de avião da Nova Jérсия, o meu irmão mais novo, Matt, a mulher e a filha vinham de Washington, o mais novo dos meus irmãos, Eric, vinha da cidade de Nova Iorque, a nossa irmã, Jennifer, o marido e os filhos pequenos vinham de Baltimore. Mas, antes de lá chegar qualquer de nós, o meu pai caiu. Como qualquer infeliz personagem de um mito, tinha involuntariamente realizado as suas próprias sombrias advertências de um modo que ninguém podia ter adivinhado: para si, um parque de estacionamento tinha-se tornado no sítio mais perigoso de todos, mas não por causa dos carros, das pessoas que guiam como doidas. Ele e o Andrew tinham acabado de carregar o carro com as vitualhas, e, quando o Papá ia repor o carrinho vazio no lugar, tropeçou numa estaca metálica e caiu. *Não conseguia pôr-se em pé*, contou-me mais tarde o Andrew, *estava simplesmente ali sentado, com um ar confuso*. Na altura em que todos nós chegámos, o meu pai estava confinado a uma cadeira de rodas. Tinha fraturado um osso da pelve, um traumatismo do qual ia levar meses a recuperar; mas, claro está, nós sabíamos que ele se ia recompor, pois, como toda a gente costumava dizer, *O Jay é rijo!*

E, na verdade, era rijo, conseguindo dominar, primeiro, a cadeira de rodas e, depois, o andarilho, e, por fim, a bengala. Mas a queda, que recegara durante tanto tempo, pôs em marcha uma série de complicações cujo desfecho foi grandemente desproporcionado em relação ao acidente que as desencadeara, com aquela fratura fina como um cabelo a levar a um pequeno coágulo sanguíneo, o coágulo a requerer medicação para diluir o sangue, e os medicamentos para diluir o sangue a acabarem por causar um enorme derrame que deixou o meu pai incapacitado, irreconhecível: incapaz de respirar por si próprio, de abrir os olhos, de se mexer, de falar. A certa altura, disseram-nos que o fim estava para breve, mas ele ainda lutou até recuperar. Era rijo, afinal de contas, e, durante um breve período, estive suficientemente bem para falar de jogos da bola e da Mãe e de uma certa peça de Bach, que estava ansioso por praticar no seu piano eletrónico, embora soubesse, dizia, que era demasiado difícil para si. Esse último período da sua vida foi um tempo em que (como diríamos mais tarde, tornando a contar uma e outra vez a notável história, como que para nos convencermos a nós próprios de que tudo aquilo era real) o seu «velho eu» reaparecera: um termo que levanta perguntas, por sinal, lançadas na *Odisseia* pela primeira vez, uma obra cujo herói, no ocaso da sua ausência de casa durante décadas, tem de provar àqueles que outrora o conheceram que é ainda o seu «velho eu».

Mas qual é o verdadeiro eu?, pergunta a *Odisseia*. E quantas personalidades pode um homem ter? Conforme aprendi, no ano em que o meu pai assistiu ao meu curso sobre a *Odisseia* e no qual recordámos as viagens do herói, as respostas podem ser surpreendentes.

Todas as epopeias clássicas começam com aquilo a que os eruditos chamam um *proémio*: as linhas introdutórias que anunciam ao

auditório de que trata o poema épico — o escopo da ação, as identidades das personagens, a natureza dos temas. Estes proémios, ainda que formais no tom, talvez um pouco mais rígidos do que as histórias que se lhes seguem, nunca são muito longos. Alguns são quase dissimuladamente lapidares, como, por exemplo, o próêmio da *Iliada*, um poema épico de 15 693 linhas dedicado a um único episódio, que tem lugar no último ano da guerra de Troia: uma amarga querela entre dois guerreiros gregos — o comandante-chefe, Agamémnon, filho de Atreu, e o seu maior guerreiro, Aquiles, filho de Peleu — que pôs em perigo a missão de destruir Troia e vingar o rapto de Helena. (Para Agamémnon, rei de Micenas, a guerra é pessoal: o marido enganado de Helena, Menelau, rei de Esparta, é o seu irmão mais novo. Aquiles, quanto a ele, combate tão-só pela glória. «Os Troianos nunca me fizeram mal nenhum», observa amargamente.) No fim, os dois guerreiros reconciliam-se e a missão é bem-sucedida — embora se deva dizer que a destruição de Troia, o arдил do cavalo de Troia, a emboscada noturna, o morticínio dos guerreiros da cidade e a escravização das mulheres e das crianças, o arrasamento das muralhas outrora inexpugnáveis, um desfecho que os ouvintes gregos da epopeia conheciam bem, graças às suas guerras na vida real, e que se tornara famoso através de muitas representações literárias e artísticas da queda de Troia, não são efetivamente narrados ao longo das quinze mil e tal linhas da *Iliada*. Os poemas épicos, a despeito da sua grande extensão, estão estritamente focados no tema, seja este qual for, anunciado nos respetivos proémios. O próêmio da *Iliada* ocupa-se, simplesmente, da querela entre os dois guerreiros gregos, das suas causas e efeitos, e do que revela quanto ao entendimento que as personagens têm da honra, do heroísmo, do dever e da morte. Mas, como a epopeia tem um sofisticado arsenal de artifícios narrativos — pois pode aludir,

prefigurar e até adiantar-se para o futuro —, a *Ilíada* não nos deixa na dúvida quanto ao modo como as coisas irão acabar.

O próêmio da *Ilíada* consiste em sete linhas:

*Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, o Pelida
(mortífera!, que tantas dores trouxe aos Aqueus
e tantas almas valentes de heróis lançou no Hades,
ficando os seus corpos como presa para cães e aves
de rapina, enquanto se cumpria a vontade de Zeus),
desde o momento em que primeiro se desentenderam
o Atrida, soberano dos homens, e o divino Aquiles.*⁵

Em si mesmas, estas sete linhas dizem-nos muito pouco sobre o entrecho da epopeia. Sabemos apenas que há cólera, morte e um plano divino; há Agamémnon e Aquiles. A referência à vontade de Zeus é aflitivamente modesta: e o que será esta, exatamente? Como é que a cólera, a dor, os cães e as aves ajudam à sua realização? Isto não nos é dito de imediato, e não há dúvida de que, em parte, a razão por que o poeta sugere sem explicar é para nos fazer continuar a ouvir — para nos levar a descobrir que plano é esse. Mas também é difícil não sentirmos que a referência a um «plano» tem uma intenção matreira, pois subentende que o poeta, ao menos, tem um plano, ainda que, nesse ponto inicial, nós tenhamos apenas um vislumbre do que este possa ser. Na epopeia, o próêmio é-nos essencial, porque nos assegura, no próprio momento em que nos metemos no que podia parecer um vasto oceano de palavras, que essa vastidão não é um «vazio sem forma» (como aquele com que começa uma outra grande história, o *Génesis*), mas uma *rota*, um caminho que nos levará a um certo lugar, aonde vale a pena ir.

⁵ *Ilíada*, trad. de Frederico Lourenço, Livros Cotovia, Lisboa, 2005, p. 29.

«Um certo lugar, aonde vale a pena ir» é uma boa maneira de resumir a grande preocupação da *Odisseia*, que, em alguns aspetos, é uma continuação da *Iliada*. Poema de 12 110 linhas, tem como tema o regresso a casa, convoluto e cheio de aventuras, de um dos gregos que fizeram parte da guerra contra Troia. Esse grego, em concreto, é Ulisses, o soberano de um pequeno reino insular chamado Ítaca; é um intrujão, acerca de cujas manhas e empreendimentos, uns bem-sucedidos, outros não, os Gregos muito gostavam de contar contos. Uma das mais populares dessas lendas diz respeito ao período que antecedeu a Guerra de Troia. Ficamos a saber que, quando os Gregos vieram pedir a Ulisses que se juntasse à sua coligação para a guerra contra Troia, Ulisses — «um homem esperto», como um comentador antigo da *Odisseia* observou secamente, «que percebeu quão vasto seria o conflito» — tentou evitar a mobilização, fazendo de conta que estava doido: na presença do enviado grego, pôs um burro e um boi juntos sob o mesmo jugo e começou a lavrar os campos, deitando-lhes sal. Conhecedor da sua reputação, o enviado pegou em Telémaco, filho de tenra idade de Ulisses, e deitou o bebé no chão, em frente do arado; quando Ulisses guinou para o lado, para evitar o filho, o enviado concluiu que ele não podia estar assim tão doido e levou-o para a guerra.

O conflito foi, de facto, vasto... mas também o são as provações de Ulisses ao longo da sua prolongada viagem de regresso à pátria. Pois é continuamente hostilizado e atrasado, naufragado e rejeitado pelas maquinações do encolerizado deus do mar, Posídon, a quem Ulisses ofendeu (por razões que ficamos a conhecer mais adiante no poema) e que o herói só aprenderá a apaziguar depois de, finalmente, chegar à sua terra. As vastas deambulações de Ulisses nessa década, enquanto luta para voltar para a mulher, Penélope, e para o filho de ambos — por voltar para a sua família e para o seu lar —, encontram-se em franco contraste com a

imobilidade dos Gregos, enquanto permanecem diante das muralhas de Troia, durante os dez anos da guerra. Do mesmo modo, também a dedicação mútua do casal no âmago da *Odisseia* — Ulisses, cuja fidelidade à mulher, que não viu em vinte anos, resiste às sedutoras atenções de várias deusas e ninfas que encontra no seu caminho para casa, e Penélope, que permanece fiel ao marido, frente às agressivas atenções dos pretendentes, dúzias de homens novos que se instalaram no seu palácio, decididos a casar com ela — contrasta, forte e ironicamente, com o caso de adultério entre Páris e Helena, a causa primeira da guerra: a *arkhê kakôn*.

A maioria dos especialistas em estudos clássicos concorda em que o próemio da *Odisseia* consiste nas suas primeiras dez linhas:

*Fala-me, Musa, do homem astuto que tanto vagueou,
depois que de Troia destruiu a cidadela sagrada.
Muitos foram os povos cujas cidades observou,
cujos espíritos conheceu; e foram muitos no mar
os sofrimentos por que passou para salvar a vida,
para conseguir o retorno dos companheiros a suas casas.
Mas a eles, embora o quisesse, não logrou salvar.
Não, pereceram devido à sua loucura,
insensatos, que devoraram o gado sagrado de Hiperion,
o Sol — e assim lhes negou o deus o dia do retorno.
Destas coisas fala-nos agora, ó deusa, filha de Zeus.⁶*

É uma maneira estranha de começar. Após apresentar modestamente o seu sujeito como, simplesmente, «um homem» — o nome de Ulisses não é pronunciado —, o poeta parece afastar-se desse «homem» e voltar-se para outros homens: isto é, para os homens

⁶ *Odisseia*, trad. de Frederico Lourenço, Livros Cotovia, Lisboa, 2003, p. 25.

que tinha comandado e que, diz-nos este proémio, haviam morrido devido à sua própria imprudência. Tal como o homem, ele próprio, divagara amplamente, assim também o proémio divaga.

Talvez inevitavelmente, no caso desta obra meândrica sobre um regresso a casa meandroso e inesperadamente prolongado, alguns eruditos têm argumentado que o próprio proémio da *Odisseia* vagueia, que, de facto, corre pelas primeiras *vinte e uma* linhas do poema. As onze linhas adicionais descrevem as circunstâncias em que a divina protetora de Ulisses, Atena, a deusa da sabedoria, instiga seu pai, Zeus, rei dos deuses, a levar Ulisses para casa, finalmente, apesar da implacável oposição do enfurecido deus do mar:

*Nesse tempo, já todos quantos fugiram à morte escarpada
se encontravam em casa, salvos da guerra e do mar.
Só aquele, que tanto desejava regressar à mulher,
Calipso, ninfa divina entre as deusas, retinha
em côncavas grutas, ansiosa que se tornasse seu marido.
Mas quando chegou o ano (depois de passados muitos outros)
no qual decretaram os deuses que ele a Ítaca regressasse,
nem aí, mesmo entre o seu povo, afastou as provações.
E todos os deuses se compadeceram dele,
todos menos Posídon: e até que sua terra alcançasse,
o deus não domou a ira contra o divino Ulisses.⁷*

E assim, mais uma vez muito ao jeito de Ulisses, o proémio não só divaga como é capaz de divagar por mais tempo do que era sua intenção.

A *Íliada* e a *Odisseia* são os poemas épicos mais famosos da tradição ocidental, mas estão longe de ser os únicos a chegar até nós

⁷ *Ibidem.*

vindos dos tempos da Grécia e de Roma. A paisagem da literatura clássica grega e romana, dos poemas homéricos do século VIII a.C. até às epopeias cristãs em verso compostas no século V, estava salpicada de poemas épicos, que se destacavam sobre essas paisagens muito à maneira como Troia se deve ter erguido acima do mar, a partir da sua suave planície, aparentemente inexpugnável e perene. Mesmo quando os próprios poemas se perderam no decurso dos milénios, como sucedeu com muitos deles, os próemios muitas vezes sobreviveram, precisamente por causa da sua apertada concisão.

Um próemio podia celebrar outros poemas. Veja-se, por exemplo, o próemio da *Eneida* de Virgílio, que alude cientemente às linhas de abertura tanto da *Iliada* como da *Odisseia*:

*Sou eu agora quem celebra em canto,
nos horrores das armas de Mavorte,
o varão que primeiro veio de Tróia
à nossa Itália, às praias de Lavínia,
em fuga obedecendo ao seu destino,
bem batido por mares e por terras,
pela divina força dos de cima
e por ira tenaz da crua Juno,
tanto sofrendo em guerra até fundar
a cidade que é sua, até trazer
ao Lácio os deuses, e, daí provinda,
a raça dos Latinos, avós de Alba,
depois muralhas da famosa Roma.*⁸

A *Eneida* revisita o mundo dos poemas de Homero, mas muda radicalmente o seu ponto de vista, transpondo-o para o dos

⁸ *Bucólicas, Geórgicas, Eneida*, trad. de Agostinho da Silva, col. «Obras de Virgílio», Temas e Debates, Lisboa, 1997, p. 137.

vencidos: relata minuciosamente as aventuras de Eneias, um dos poucos troianos que sobreviveram à obliteração de Troia pelos Gregos. Depois de escapar dos escombros em chamas da sua cidade (e este é um dos mais famosos e tocantes pormenores da epopeia) com o seu pai amarrado às suas costas e o seu jovem filho a reboque, Eneias começa por passar por uma série de complicadas vagueações (um percurso meândrico que nos recorda a *Odisseia*), antes de se estabelecer em Itália, a terra que lhe foi prometida como território do novo Estado que ele vai fundar e na qual terá, depois, de travar uma série de cruéis batalhas contra as gentes do lugar (uma campanha que nos faz recordar a *Iliada*), para que se possa instalar a si próprio e ao seu povo para sempre. Embora lhe faltem o cruel fascínio do Aquiles da *Iliada* ou a sedutora matreirice de Ulisses, Eneias encarna, efetivamente, um persistente sentimento de devoção filial, uma qualidade muito apreciada na cultura romana e assinalada pelo adjetivo latino mais vezes empregado a propósito do herói de Virgílio: *pious*, que não significa «pio», como podia parecer natural aos olhos de um anglófono⁹, mas «respeitador». O próémio da *Eneida* ocupa sete linhas; a primeira das quais, em que o poeta anuncia que vai cantar «as guerras e um homem» — *arma virumque* —, é, em si mesma, uma alusão quer à *Iliada*, que é, acima de tudo, um poema acerca de «guerras» ou de «armas» — *arma* —, quer à *Odisseia*, cuja primeira linha, como sabemos, anuncia que se trata de «um homem».

Um próémio, por conseguinte, pode não só resumir a sua própria ação, olhar para o seu próprio futuro e predizer, em miniatura, o que está para vir, como pode aludir com gratidão, voltando atrás no tempo até aos poemas épicos mais antigos, aos *arquétipos*, para com os quais está em dívida.

⁹ Por analogia com o inglês *pious*.

*

Quando eu era adolescente, havia uma história que o meu pai gostava de contar acerca de uma longa viagem que ele e eu tínhamos feito uma vez, uma história que andava à volta de um enigma. *Como*, perguntava inevitavelmente o meu pai, a dada altura, quando contava a história, sem nos olhar propriamente nos olhos enquanto falava — um hábito de que a minha mãe não gostava e pelo qual, por vezes, ralhava com ele, porque, dizia ela, *te faz parecer mentiroso*, uma reprovação que nos divertia, a nós, filhos, porque, se havia uma coisa que toda a gente sabia acerca do meu pai, era que ele nunca mentia —, *Como*, perguntava o meu pai quando contava essa história, *é que se podem percorrer grandes distâncias sem que se chegue a lado nenhum?* Por ser uma personagem dessa história, eu sabia a resposta, e porque era apenas uma criança quando o meu pai começou a contá-la, gostava, naturalmente, de estragar a narração que dela fazia, revelando a resposta antes ainda de ele ter chegado ao fim do conto. Mas o meu pai era um homem paciente e, embora pudesse ser severo, raramente ralhava comigo.

A resposta para o enigma era esta: *Se uma pessoa andar às voltas*. O meu pai, que era matemático de formação, sabia tudo sobre círculos, e suponho que, se eu me tivesse dado ao trabalho de lho pedir, teria partilhado comigo aquilo que sabia; mas como sempre me puseram nervoso a aritmética, a geometria e as equações de segundo grau, sistemas inexoráveis que não permitem matizes nem embelezamentos, nem evasões nem mentiras, eu tinha, mesmo então, aversão à matemática. Em todo o caso, o seu apreço pelos círculos não era a razão pela qual o meu pai gostava de contar a história. A razão por que gostava de a contar era por ela mostrar que espécie de miúdo eu tinha sido em tempos. Ainda que, agora que sou adulto e tenho filhos, pense que se trata de uma história sobre ele próprio.

Uma longa viagem que, em tempos, ele e eu fizemos. No interesse da precisão, uma qualidade que o meu pai muito admirava, devo dizer que a viagem que fizemos juntos foi um regresso a casa. A história começa com um filho que vai salvar o pai, mas, como por vezes acontece quando se trata de viajar, a viagem de regresso acaba por eclipsar o drama que lhe dera origem.

O filho em questão era o meu pai. Estávamos em meados da década de 1960, e, portanto, devia ter à volta de 35 anos e o pai dele, à volta de 75. Eu devia ter uns quatro, ou assim; seja como for, sei que ainda não tinha idade para ir à escola, pois foi por isso que fui escolhido para acompanhar o meu pai. Estávamos em janeiro: o Andrew, quatro anos mais velho do que eu, andava na segunda classe, e o Matt, dois anos mais novo, ainda usava fraldas; e a minha mãe ficou em casa com eles. *Porque é que não levo o Daniel, Marlene?*, lembro-me de ouvir dizer o meu pai, um reparo que me fez impressão, porque, até então, não creio que tivesse feito fosse o que fosse sozinho com ele. O Andrew era aquele que ia a sítios com o Papá e que fazia coisas com ele, passava-lhe as ferramentas quando ele estava deitado no chão de cimento da garagem, debaixo do grande *Chevrolet* preto, ou quando estava ao pé dele, diante da bancada de carpinteiro, na cave, enquanto liam atentamente as instruções para a construção de um qualquer modelo de avião em miniatura. Eu tinha-me, então, totalmente na conta de menino da minha mãe. Mas o Andrew andava na escola e, por isso, fui eu com o Papá lá abaixo à Florida, quando a minha avó telefonou e disse: Vem depressa.

Naquele tempo, os pais do meu pai viviam no nono andar de um alto edifício de apartamentos em Miami Beach, com vista para a água — um edifício, por sinal, que ficava na porta a seguir àquele em que viviam o pai da minha mãe e a sua mulher. Tenho dúvidas de que os dois casais passassem muito tempo juntos.

O pai da minha mãe, *Grandpa*, era tagarela e divertido, grande contador de histórias e adulator; vaidoso e autoritário, dedicava boa parte dos seus pensamentos, todos os dias, à escolha da roupa que ia usar e ao estado do seu trato gastrintestinal. Embora só tivesse um filho — a minha mãe —, tinha tido quatro mulheres... e, como o meu pai uma vez me segredou, uma *amante*. A duração média desses casamentos era de onze anos.

O pai do meu pai, em contraste — *Poppy*, o objeto da nossa viagem naquele mês de janeiro, quando eu tinha quatro anos —, quase não falava. Ao contrário do pai da minha mãe, o Poppy não era dado nem a manifestações nem a pedidos de afeto. Sendo um homem baixo — com um metro e sessenta, ficava diminuto ao lado da minha avó, Nanny Kay, que era alta —, parecia sempre vagamente surpreendido, naquelas ocasiões em que íamos de carro buscá-los, a ambos, ao Aeroporto Kennedy, quando lhe dávamos um abraço de boas-vindas. Gostava de estar sozinho e não aprovava ruídos fortes. Tinha sido eletricista sindicalizado. *Vocês vão estragar a instalação elétrica!*, exclamava, com a sua voz aguda, ligeiramente cavernosa, quando nos púnhamos a correr pela sala de estar; andávamos em bicos de pés, durante os quinze minutos seguintes, a rir à socapa. Tinha os seus modestos passatempos, ouvia comédias no rádio ou pescava em silêncio no cais que ficava nas traseiras do prédio, com um suave cuidado — como se pensasse que, por ser cauteloso mesmo nos seus prazeres, podia não chamar a atenção da trágica Fúria que, como sabíamos, lhe havia devastado a juventude: uma pobreza tão terrível que o seu pai tinha tido de pôr os sete irmãos e irmãs num orfanato, a mãe e todos esses irmãos e irmãs, e também a primeira mulher, todos mortos no tempo em que ele era um homem novo. Essas perdas foram tão catastróficas que o deixaram com um «choque nervoso» — um dia, ouvi sorrateiramente a Nanny Kay murmurar essa

expressão, enquanto tagarelava com a minha mãe e com as tias debaixo de um salgueiro, numa tarde de verão, quando eu tinha uns 14 anos e andava por ali à escuta. *Ele ficou com um choque nervoso*, dissera a Avó, enquanto exalava o fumo de um dos seus longos cigarros, para explicar às noras o porquê de o marido ser tão calado, porque não gostava de falar muito com a mulher, com os filhos, com os netos; um hábito de silêncio que, como eu bem sabia, podia ser passado de geração em geração, como o ADN.

Pois o meu pai também gostava de paz e sossego, gostava de encontrar um sítio onde pudesse ler ou ver o jogo da bola sem interrupção. E não era para admirar. Eu tinha ouvido a minha mãe contar como era minúsculo o apartamento da família dele no Bronx e sempre tinha imaginado que o seu veemente desejo de paz e sossego fosse uma reação àquela existência constrangida: partilhar uma cama desdobrável com o irmão mais velho, Bobby, que tinha ficado estropiado pela poliomielite (*lembro-me do som, quando ele encostava ao radiador os seus esteios de ferro para as pernas, antes de nos metermos na cama*, contou-me ele, anos depois, a abanar a cabeça), com os pais apenas a alguns metros de distância, no único pequeno quarto, o Poppy a ouvir Jack Benny no rádio, a Nanny a fumar e a fazer paciências. Como é que eles se tinham podido aguentar, antes de Howard, o irmão mais velho, ter saído de casa, para ir para a tropa em 1938? Não conseguia imaginar... E, no entanto, uma vez que ele próprio se prestara a ter cinco filhos, eu tinha de admitir que também o meu pai, paradoxalmente, ansiava por atividade, ruído e vida na sua própria casa. Se assim não fosse, perguntava-me às vezes a mim próprio, porque teria ele tido tantos filhos? Um dia, quando estava a falar disso com a Lily — os rapazes eram pequenos, o Peter tinha talvez cinco ou seis anos, o Thomas, que nunca teve bom dormir, a agitar-se sem descanso no berço de madeira, a resmungar com gritinhos enquanto dormia,

ainda não tinha dois anos —, fiz essa pergunta a propósito do meu pai em voz alta. A Lily olhou para mim e disse: Bem, *tu* cresceste numa casa apinhada de irmãos de ambos os sexos e quiseste ter filhos, não quiseste? E era muito mais complicado para ti! Eu sorri, a pensar em como tudo aquilo tinha começado e a que distância tínhamos chegado: aquela tímida pergunta, quando, pela primeira vez, começara a pensar em ter uma criança, sobre se eu podia querer ser, de algum modo, uma figura paternal para o bebé; como eu ficara nervoso, a princípio, e, contudo, fascinadíssimo, depois de o Peter ter nascido, como me tinha tornado cada vez mais relutante em regressar a Manhattan, depois de os ter ido visitar por uns dias a Nova Jérсия; a gradual adaptação, ao longo de meses e, depois, de anos, a um horário novo, meia semana em Manhattan, meia em Nova Jérсия; e depois a chegada do Thomas a cimentar, de algum modo, tudo aquilo. *O nosso primeiro filho afigura-se-nos como um milagre, quase como uma surpresa*, disse o meu pai quando lhe contei que nascera o Thomas. *Depois disso, é a nossa vida*. Tudo isso tinha sido cinco anos antes; agora que eu perguntara em voz alta porque é que o meu pai tinha tido tantos filhos, a Lily inclinou a cabeça para o lado. Pensei que estivesse à escuta do Thomas, mas não, estava a pensar. É engraçado, disse ela devagar, que tu tenhas acabado por fazer exatamente o que fez o teu pai.

Por essa razão — porque os homens, naquela família, não falavam muito com outras pessoas, não partilhavam os sentimentos nem os dramas, como faziam os parentes da minha mãe —, pareceu-me estranho que, um dia, tivéssemos de ir a correr lá para baixo, para a Florida, para estar com o Poppy, o meu pequeno e silencioso avô. Só aos poucos percebi as razões por detrás do frenético telefonema da Nanny: ele estava gravemente doente. Fomos, pois, para o aeroporto, metemo-nos num avião e depois passámos uma semana, mais ou menos, na Florida, num quarto

de hospital, à espera, supunha eu, de que ele morresse. A cama do hospital estava resguardada por uma cortina com um padrão de peixes cor-de-rosa e verdes, e a ideia de que o Poppy tinha de estar escondido enchia-me de terror. Não me atrevia a olhar para lá da cortina. Em vez disso, ficava sentado numa cadeira de plástico cor de laranja e lia ou brincava com os meus brinquedos. Não tenho memória do que fazia o meu pai durante todos esses dias passados no hospital. Mesmo quando o pai dele estava bem, eu sabia que eles não falavam muito; o importante, e, de certa maneira, eu percebia isso, era que o Papá ali estivesse, que tivesse vindo. *O teu pai é o teu pai*, disse-me ele, uma década mais tarde, quando o Poppy estava mesmo a morrer, desta feita num hospital próximo da nossa casa em Long Island. Muitas das afirmações do meu pai assumiam essa forma de *x é x*, implicando sempre que pensar de outro modo, admitir que *x* pudesse ser outra coisa qualquer que não *x*, era abandonar os códigos estritos que lhe regiam o pensamento e mantinham o mundo no devido lugar: *Excelência é excelência, ponto final*; ou *Inteligente é inteligente, isso de «perceber mal os testes» não existe*. O teu pai é o teu pai. Todos os dias, durante o silencioso declínio final do Poppy no verão de 1975, o meu pai ia no seu carro até ao hospital, aproveitando o intervalo da hora do almoço, um percurso de uns quinze minutos, e sentava-se a comer uma sanduiche, em silêncio, ao lado da cama alta em que o seu pai jazia, parecendo tornar-se mais pequeno a cada dia, seco e imóvel como uma múmia, absorto, a sonhar, talvez, com a mulher morta e com os muitos irmãos e irmãs mortos. *O teu pai é o teu pai*, replicou o Papá quando eu tinha 15 anos e lhe perguntei porque continuava ele a ir ao hospital, se o pai dele nem sequer sabia que ele lá estava. Mas isso viria mais tarde. Agora, em Miami Beach, em 1964, ele estava sentado no espaço exíguo atrás da cortina com o peixe, a conversar calmamente com a mãe e à espera.

E, depois, o velho minúsculo, que era o pai do meu pai e que tinha tido um ataque cardíaco, não morreu; e o drama acabou.

Foi quando voltámos para casa, de avião, que começou o estranho retorno, a viagem em círculos.

Que vagueou amplamente.

A língua inglesa tem vários nomes para o ato do movimento através do espaço geográfico, de um ponto para outro. As proveniências dessas palavras, os sítios de onde vieram, podem ser interessantes; podem dizer-nos coisas sobre o que nós pensamos no decurso de séculos e milénios, acerca, precisamente, daquilo em que consiste esse ato e do que significa.

«*Voyage*»¹⁰, por exemplo, deriva do francês antigo *voiage*, uma palavra que entrou no inglês (como tantas outras) vinda do latim; neste caso, da palavra *viaticum*, «provisões para uma jornada». Em estado latente, dentro da própria palavra *viaticum*, encontra-se o substantivo feminino *via*, «estrada». Portanto, pode dizer-se que «*voyage*» está saturada no material: aquilo que uma pessoa leva consigo quando se move através do espaço («provisões para uma jornada») e também aquilo em que põe os pés, ao fazê-lo: a estrada.

«*Journey*»¹¹, por outro lado — mais uma palavra para a mesma atividade —, está enraizada no temporal, porquanto deriva do francês antigo *jornée*, uma palavra cuja linhagem remonta ao latim *diurnum*, «a porção para um dia», que, por sua vez, descende de *dies*, «dia». Não é difícil imaginar como «a porção para o dia» se tornou na palavra para designar «a jornada»: há muito tempo, quando uma viagem podia levar meses, e até anos — digamos, de Troia, agora uma ruína em desagregação na Turquia, até Ítaca, uma ilha

¹⁰ Vocabulo etimologicamente gémeo do português *viagem*.

¹¹ Etimologicamente equivalente ao português *jornada*.

rochosa no mar Jónio, um lugar que nenhuns restos significativos distinguem —, há muito tempo, era mais seguro e mais confortável falar não da «*voyage*», do *viaticum*, de que se precisava para sobreviver ao próprio movimento através do espaço, mas do progresso feito num só dia. Com o tempo, a parte veio a substituir o todo, o movimento de um dia passou a ser sinónimo do movimento todo, independentemente do tempo necessário para se chegar ao lugar aonde se ia — que podia ser uma semana, um mês, um ano ou até (como sabemos) dez anos. O que é tocante na palavra «*journey*»¹² é pensar que, nesses dias remotos, quando o mundo era recém-nascido, o movimento correspondente a um só dia era uma atividade suficientemente significativa, um empreendimento suficientemente árduo para merecer um nome próprio: *jornada*.

Esta alusão à arduidade conduz-me a uma terceira maneira de nos referirmos à atividade que aqui consideramos: «*travel*»¹³. Hoje, quando ouvimos esta palavra, pensamos em prazer, em algo que se faz nos tempos livres, no nome de uma secção de jornal, sobre a qual nos debruçamos ao domingo. Que relação tem com a dificuldade? «*Travel*» é, por sinal, um primo direito de «*travail*», que o maciço dicionário Merriam-Webster, que o meu pai me comprou há quase 40 anos, quando eu estava na véspera da primeira viagem significativa que eu próprio alguma vez fizera — do nosso subúrbio de Nova Iorque para a Universidade da Virgínia, de norte para sul, do liceu para a faculdade —, define como «esforço doloroso ou laborioso». A dor pode, na verdade, vislumbrar-se, como num palimpsesto, a flutuar obscuramente por detrás das letras com que se escreve TRAVAIL, graças à estranha etimologia da palavra: esta vem, através do médio inglês, e após uma paragem

¹² Que significa *viagem extensa*, e não, propriamente, *jornada*.

¹³ Em português, *viagem*, etimologicamente afim da palavra *trabalho*.

para descansar no francês antigo, do latim medieval *tripalium*, «instrumento de tortura». Portanto, «travel» sugere a dimensão emocional do viajar: não os seus acessórios materiais, ou quanto tempo pode durar, mas como é sentido. Isto porque, nos tempos em que estas palavras adquiriram a sua forma e significado, viajar era, sobretudo, difícil, doloroso, árduo, algo que a maioria das pessoas evitava diligentemente.

A única palavra, na língua inglesa, que combina todas as várias ressonâncias que, de diferentes modos, fazem parte de *voyage*, *journey* e *travel* — a distância, mas também o tempo, o tempo, mas também a emoção, a dificuldade e o perigo — não vem do latim, mas do grego. Essa palavra é *odyssey*.

Devemos esta palavra a dois nomes próprios. Mais recentemente, deriva do grego clássico *odysseia*: título de um poema épico acerca de um herói chamado *Odysseus*. Ora, muita gente sabe que a história de Ulisses trata de viagens: afinal, ele viajou para longe por mar e (ironicamente) perdeu não só tudo aquilo com que tinha começado, mas também tudo quanto havia acumulado pelo caminho. (Lá se foram as «provisões para uma jornada».) As pessoas também sabem que viajou igualmente através do tempo: a década em que ele e os outros gregos cercaram Troia, mais os dez árduos anos que passou a tentar regressar a casa, que é onde se mantêm as pessoas sensatas.

Portanto, sabemos das viagens e da sua duração, do espaço e do tempo. O que muito poucas pessoas sabem, a não ser que saibam grego, é que o terceiro elemento mágico — a emoção — está inscrito no nome deste curioso herói. Uma história relatada dentro da *Odisseia* descreve o dia em que *Odysseus*, de tenra idade, recebe o seu nome; a história, a que voltarei mais adiante, dá-nos adequadamente a etimologia desse nome. Tal qual como se pode ver a palavra latina *via* escondida em *viaticum* (e, por conseguinte, também em

voiage e em *voyage*), as pessoas que sabem grego podem ver, mesmo sob a superfície do nome Odysseus, a palavra *odynê*. Pode o leitor pensar que não a reconhece. Pense melhor. Pense, por exemplo, na palavra *anodyne*¹⁴, que o dicionário que o meu pai me deu define como «uma droga ou um medicamento que elimina a dor; não suscetível de causar ofensa». «Anódino» é, de facto, um composto de duas palavras gregas que, juntas, significam «sem dor»; o *an* representa o «sem», e, portanto, o *odynê* tem de ser «dor». É esta a raiz do nome Odysseus e também do nome do poema. O herói desta vasta epopeia do viajar, em todos os sentidos do termo, é, literalmente, «o homem de dor». É aquele que viaja; é aquele que sofre.

Nem podia ser de outra maneira. Porque uma narrativa de viagem é, necessariamente, também uma narrativa de separação, de ser afastado daqueles que se deixam para trás. Mesmo quem não tenha lido a *Odisséia*, é provável que tenha ouvido a lenda do homem que passou dez anos a tentar voltar para casa e para a mulher; e, contudo, como se fica a saber nas cenas iniciais da epopeia, quando Ulisses deixa a terra natal a caminho de Troia, abandona também um filho de tenra idade e um pai próspero. A estrutura do poema sublinha a importância dessas duas personagens: começa com o filho, agora crescido, que parte em busca do pai desaparecido (qua-tro cantos completos da *Odisséia*, assim se chamam os seus capítulos, são dedicados às viagens do filho, antes de depararmos, sequer, com o seu próprio pai); e não acaba com a reunião triunfal do herói e da sua mulher, mas com o reencontro banhado de lágrimas entre o herói e seu pai, agora um homem velho e gasto.

Tanto quanto é um conto que fala de maridos e de mulheres, esta história fala, pois, em igual medida — ou talvez ainda mais —, de pais e de filhos.

¹⁴ «Anódino», em português.

*

E conhecia as mentes de muitos homens.

De Miami, voámos de regresso a Nova Iorque. Era de noite. Quando nos instalámos nos nossos assentos, a hospedeira disse que tínhamos «mau tempo» à espera, lá para os nossos lados. O Papá levantou brevemente o olhar do livro que estava a ler, registou a informação e depois voltou ao livro. Pouco depois de estarmos no ar, contudo, o piloto anunciou que, devido ao estado do tempo, haveria um longo atraso, antes de podermos aterrar; teríamos de «andar às voltas». O avião começou a desenhar uma curva, inclinando-se suavemente para o lado de dentro, e, durante muito tempo, andámos às voltas e voltas. Lá em cima, onde estávamos, o mau tempo não era nenhum: a noite era tão densa e mate como a peça de veludo que um joalheiro pudesse usar para expor pedras preciosas — como o joalheiro a quem, tinha-me a minha mãe segredado um dia, o pai dela comprara o anel de noivado, a regatear preços num esconso quarto das traseiras, na 47th Street, um velho judeu, um dos muitos, muitos amigos do avô, que despejou uns quantos brilhantes não talhados sobre o pano preto, enquanto ele e o meu avô discutiam em ídiche, tudo porque o meu pai não tinha dinheiro suficiente para comprar o tipo de pedra que o pai dela achava que ela devia ter —, o céu era como uma peça de veludo preto e as estrelas eram como as tais pedras brilhantes que cintilavam. Eu sabia que estávamos a andar em círculos, porque a Lua estava continuamente a desaparecer e, depois, a reaparecer na minha janela. Eu tinha um livro, nessa noite, mas ignorei-o mal começámos a dar voltas, e olhava, em vez disso, para a Lua com satisfação, enquanto passávamos por ela uma, duas, três, quatro vezes, até que acabei por deixar de contar as vezes em que ela me mostrou a sua doce face.

O meu pai não estava a olhar para a Lua. Estava a ler.

Mas é que ele parecia estar sempre a ler. O meu pai, cujos pais nunca foram além do ensino secundário, contou-me uma história, uma vez, sobre como se tinha tornado um grande leitor. Tendo-lhe sido erradamente diagnosticada febre reumática, no sétimo ano, tivera de ficar de cama durante meses. Nesse período, afeiçoou-se aos livros. *Não há nada que não se possa fazer quando se tem o livro certo*, gostava ele de dizer aos cinco filhos. E ele, pelo menos, vivia em conformidade com a sua própria regra. Nunca ficava mais feliz do que ao meditar profundamente sobre a última obra que fora buscar à biblioteca pública, um qualquer volume sobre como tocar guitarra de jazz, como tocar tambores e certo tipo de flauta, violino e piano, como escrever letras para músicas populares, como construir um bar encastrado em casa, como montar um acelerador para o carvão da churrasqueira, como preparar a compostagem, construir mobília de estilo colonial ou um cravo. No fim do Canto V da *Odisseia*, quando a ninfa Calipso, louca de amor, finalmente permite a Ulisses que saia da sua ilha e se ponha a caminho de casa, ela vai buscar uma série de ferramentas, que, até então, tinha mantido fechadas a bom recato, e dá-as ao homem naufragado; é com essas poucas ferramentas, e com quaisquer árvores e plantas que tenha à mão, que o herói constrói para si próprio a jangada em cima da qual inicia a etapa final da sua viagem de regresso. Sempre que leio essa passagem, penso no meu pai.

Em parte por ele parecer estar sempre dobrado sobre os livros, sempre a usar a sua própria mente e a absorver o conteúdo das mentes de outrem. Quando eu era miúdo, pensava que o meu pai era, todo ele, cabeça. A impressão de que a cabeça era a maior parte dele foi reforçada pelo facto de ele ter ficado careca quando ainda era bastante novo, certamente na altura em que eu era um miúdo pequeno, e a impressão que eu tinha era a de que o volumoso cérebro que ele tinha no crânio se tinha expandido

a ponto de lhe empurrar, de algum modo, o cabelo para fora do couro cabeludo. Muitas das minhas recordações dele começam com uma imagem, não a da sua cara — oval, descorada, com as sobrancelhas arqueadas e os olhos castanho-escuros, de formato estreito, e o nariz comprido, irregular, com o desvio carnudo na ponta, a boca de lábios delgados que tendia a estar apertadamente cerrada —, mas a da sua cabeça, que, desprovida de cabelo, parecia exposta de forma quase tocante, exposta a potenciais lesões. Uma franja de cabelo residual formava um U à volta da base da cabeça, sendo esse U escuro durante toda a minha infância, grisalho mais tarde, depois rapado e, por fim, de modo estranho, um tanto crespo outra vez, por causa dos medicamentos que ele tinha de tomar. E havia a testa, quase sempre enrugada, em concentração, enquanto ele pensava na melhor saída para um problema, uma equação, a nossa mãe, um de nós.

Era essa a cabeça que, nessa noite da longa viagem de avião em círculos, estava inclinada sobre um livro.

Que estava o meu pai a ler? Não é impossível que fosse uma gramática latina, ou, talvez, a *Eneida* de Virgílio, a epopeia romana que alude com tanta elegância aos seus arquétipos gregos. Embora o meu pai passasse a vida de trabalho entre cientistas, equações e números — primeiro, no seu emprego na Grumman, uma empresa aeroespacial, onde o que quer que fizesse era, para nós, desconhecido e incognoscível, uma vez que a secção em que trabalhava era altamente secreta, e, além disso, como me disse mais tarde, eu não perceberia; e depois, após ter-se reformado nos anos 1990, durante a sua segunda carreira a ensinar informática de ciências, ao longo de uma década, numa universidade local —, orgulhava-se do facto de, em tempos, há muito tempo, ter sido estudante de latim. *Oh!*, dizia, por vezes, quando eu estava na faculdade e a formar-me em estudos clássicos, *Oh! No liceu, li Ovídio em latim, sabes!*

E eu, em vez de ficar impressionado, como ele esperava que ficasse, com esse antigo feito de erudição, só notei que ele tinha pronunciado o nome do poeta com o longo: *Oh-vídio*. As deficiências de pronúncia do meu pai, que, a dada altura da minha vida, me embaraçavam, eram o resultado inevitável de ele ter sido o filho livresco de pais que não tinham instrução digna de menção; desconfio que muitíssimos dos nomes próprios e das palavras com que ele havia deparado, na altura em que eu já tinha idade para desdenhar dos seus erros, eram palavras que ele nunca tinha ouvido dizer em voz alta. Só agora lhe reconheço plenamente o mérito de ser ele próprio o primeiro a gracejar a propósito dessas gafes. Já estava na tropa, antes de me ter apercebido de que não havia nada que se chamasse «*battle fa-ti-gyoo*»¹⁵!, dizia, com um sorrisinho apertado. E, se acontecesse eu estar presente quando ele contava essa piada sobre si próprio, eu esperava, com um prazer complexo, que a pessoa a quem ele a estivesse a contar se apercebesse de que a palavra em questão era «*fatigue*».

O meu pai gostava, pois, de se gabar de que tinha sido suficientemente bom em latim para ler *Oh-vídio* no original, embora eu viesse a saber, com o tempo, que ele lamentava muito ter deixado de estudar latim antes de ter tido oportunidade de ler Virgílio. Saber que o meu pai nunca tinha acabado o latim, que nunca tinha lido a *Eneida*, dava-me uma satisfação vagamente cruel, posto que eu, quanto a mim, tinha prosseguido e acabado por completar os estudos clássicos e tinha, por conseguinte, lido Virgílio em latim; e o latim de Virgílio, conforme eu, às vezes, sentia prazer em assinalar ao meu pai, era mais denso, mais complicado e mais difícil que o de Ovídio.

Ao longo dos anos em que eu ia crescendo, o meu pai fazia, ocasionalmente, tentativas para compensar aquilo que tinha

¹⁵ Pronúncia errada de *battle fatigue*, trauma nervoso sofrido em combate.

perdido havia já tantos anos, em finais da década de 1940. Por vezes, ao chegar a casa, em Long Island, nas férias da primavera ou do outono, vinha encontrar os seus exemplares de *Latina pro populo* [Latim para o povo] e *Winnie ille Pu* postos junto à cadeira reclinável de couro negro, no andar de baixo, no gabinete privado onde tentava encontrar, muitas vezes sem conseguir, a solidão pela qual ansiava. Já quando era um miúdo de sete, oito ou nove anos, eu lia livros sobre os Gregos e as suas mitologias, atraído, não haja dúvidas, pelo encanto dos corpos nus e dos atos lascivos, pelos heróis, as armaduras e os deuses, os templos arruinados e os tesouros perdidos, e, embora nunca tivesse suspeitado disso na altura, dou-me agora conta de que ao meu pai agradava a ideia de eu ter tendência para antiquário.

Anos mais tarde — muito depois de eu não ter conseguido, no liceu, dominar as disciplinas de matemática que me teriam permitido seguir em frente e estudar cálculo —, o meu pai havia de me fazer notar, uma ou outra vez, que era uma pena, pois é impossível ver claramente o mundo se não se souber cálculo. Não o dizia para me magoar, mas porque, creio, o lamentava sinceramente. Era *uma pena*, dizia; tal qual como, de outras vezes, dizia que era *uma pena* eu não ser capaz de valorizar a «dimensão estética» da matemática, uma frase que, para mim, não fazia qualquer espécie de sentido, porque eu associava a matemática ao ato forçado de fazer exercícios estéreis, sem finalidade. Só muito mais tarde me apercebi de que apenas aparentemente não tinha finalidade, porque eu não trabalhava com afinco suficiente ou, talvez, porque não estava a ser bem ensinado (*Porque é que o teu professor não te explica melhor estas coisas?*, exclamava, a abanar com desânimo a cabeça lustrosa, embora, quando lhe pedia que me explicasse essas mesmas coisas, abanasse outra vez a cabeça, confundido pela minha incapacidade para apreender o que para si

era tão claro), e assim continuei, sem orientação, através dos dois escalões do ensino secundário, a copiar, sem que os compreendesse, diagramas, formas geométricas e equações de segundo grau, sem ter a mais pálida ideia do seu suposto objetivo, como alguém que se visse forçado a praticar escalas numa guitarra, num piano ou num cravo sem adivinhar que houvesse uma coisa chamada concerto. Muito mais tarde, quando era caloiro na faculdade e andava a aprender grego, sentava-me numa sala de aula com três outros estudantes, todos os dias da semana às nove da manhã, e recitava, precisamente da maneira como se faz escalas, os paradigmas de substantivos e verbos, cada substantivo com as suas cinco derivações possíveis dependendo da sua função na oração, cada verbo com as suas formas assustadoramente metastáticas, os tempos e os modos que não existem em inglês, as vozes ativa e passiva, sim, aquelas que eu conhecia do francês do ensino secundário, mas também a estranha voz «média», uma modalidade em que o sujeito é também o objeto, um estranho reverter ou dobrar, à laia de uma pessoa que possa ser um pai, mas também um filho. E, no entanto, suportei alegremente esses rigorosos exercícios, porque tinha uma ideia clara de aonde me iam levar. Eu ia ler grego, a *Ilíada* e a *Odisseia*, as *Histórias* de Heródoto desenrolando-se elaboradamente, as tragédias construídas tão lindamente como relógios, tão implacavelmente como ratoeiras... Anos depois de tudo isso, sempre que o meu pai fazia aquele comentário sobre a impossibilidade de ver o mundo claramente sem cálculo, eu replicava, invariavelmente, dizendo que também não se podia, realmente, ver o mundo com clareza sem ter lido a *Eneida* em latim. E depois ele fazia aquela caretazinha que todos conhecíamos, um meio sorriso, um meio franzimento de sobrancelhas, a torcer a cara, e nós ríamo-nos com um risinho azedo e retirávamo-nos para os nossos cantos.

Ele pode, portanto, ter estado a estudar o seu latim, talvez até a fazer uma tentativa em Virgílio, naquela noite, quando andámos às voltas, durante horas, no avião que nos trazia de regresso da Florida, aonde o meu respeitador pai havia acorrido para estar com o seu silencioso ascendente. Anos mais tarde, quando me disse que queria seguir o meu curso sobre a *Odisseia*, ocorreu-me que talvez seja possível alguém dedicar-se a um texto por um sentimento de culpa, por uma impressão de ter deixado um assunto inacabado, do mesmo modo que se pode ter um sentimento de obrigação para com uma pessoa. O meu pai era um homem que sentia profundamente as suas responsabilidades, e suponho que foi por isso que, uns anos depois, quando lhe fiz uma certa pergunta, respondeu simplesmente: *Porque um homem não desanda.*

Naquela noite, quando eu tinha quatro anos e estava sentado, calado, junto ao meu calado pai, enquanto o avião se inclinava fortemente sobre uma asa, a fim de poder descrever o seu vasto círculo, de um modo análogo àquele como, nas epopeias de Homero, uma águia gigante rondará, lá em cima no céu, por cima das cabeças de um exército ansioso ou de um homem solitário, num momento de grande perigo, dado que a águia era um augúrio do que estava para vir, vitória ou derrota para o exército, salvação ou morte para o homem; eu estava sentado enquanto o avião andava às voltas e o meu pai lia. Não me lembro do tempo que voámos em círculo, mas o meu pai insistiu, mais tarde, que havia sido «durante horas». Bem, se fosse uma história contada pelo meu avô materno, eu inclinar-me-ia para duvidar. Mas o meu pai detestava o exagero, tal como, na verdade, tinha aversão a qualquer tipo de excesso, e, por isso, imagino que andámos, de facto, às voltas durante horas. Duas? Três? Jamais saberei. Acabei por adormecer. Deixámos de andar às voltas, começámos a descer, aterrámos e, depois, fomos de carro, uns trinta minutos, ou coisa parecida, através do frio, e chegámos a casa sãos e salvos.

Quando o meu pai contava esta história, abreviava aquilo que, para mim, era a parte interessante — o ataque cardíaco, a tremenda correria (era como eu a via) para a cabeceira do meu avô, o drama — e demorava-se naquilo que, para mim e na altura, tinha sido a parte aborrecida: o voo em círculos. Ele gostava de contar esta história, porque, no seu entender, mostrava como eu tinha sido um bom menino: como eu tinha suportado, sem me queixar, o tédio de todo aquele andar às voltas, toda aquela distância percorrida sem progredir. *Ele nunca fez espalhafato*, dizia o meu pai, que não gostava de espalhafatos. E já então, apesar da minha pouca idade, eu percebia vagamente que a ênfase, gentil, mas um tanto ácida, posta na palavra «espalhafato» era dirigida, de algum modo, à minha mãe e à família dela. *Ele nunca fez espalhafato*, dizia o Papá, e abanava a cabeça em sinal de aprovação. *Esteve simplesmente sentado, a ler, sem dizer uma palavra.*

Longas viagens, nada de espalhafatos. Muitos anos passaram desde o nosso longo e sinuoso regresso a casa, e, durante esses anos, eu próprio viajei em aviões com crianças, e é por isso que agora, quando volto a pensar na história do meu pai, duas coisas me impressionam. A primeira é que é, na realidade, uma história que diz que o meu pai era bom. Geriu bem tudo aquilo, penso eu agora: minimizou a situação, fez de conta que não havia nada de invulgar, deu o exemplo, ao ficar calmamente sentado, e resistiu — o que eu próprio não teria feito, posto que, em muitos aspetos, sou, de facto, mais filho da minha mãe e neto do Grandpa — ao impulso de exagerar ou de se queixar.

A segunda coisa que me impressiona quando agora penso nesta história, é que, durante todo aquele tempo que passámos juntos no avião, nenhum de nós se lembrou de falar com o outro.

Demo-nos por satisfeitos com os nossos livros.

*

«Uma longa viagem que, em tempos, ele e eu fizemos. No interesse da precisão, uma qualidade que o meu pai muito admirava, devo dizer que a viagem que fizemos juntos foi um regresso a casa.»

Quando Jay Mendelsohn, com a idade de 81 anos, decide inscrever-se no seminário para estudantes pré-universitários sobre a *Odisseia* que o seu filho Daniel leciona na Bard College, tem início uma viagem profundamente emotiva que os levará não só às raízes da literatura ocidental como às da sua própria vida. Para Jay, homem da ciência, este regresso à escola representará um desafio intelectual. Para Daniel, será a derradeira oportunidade de recuperar o tempo perdido e, finalmente, colmatar a distância que sempre existiu entre os dois. Nos intensos meses em que exploram a obra de Homero, dentro e fora da sala de aulas, fundindo memórias com ficção, torna-se claro que ambos, pai e filho, têm muito a aprender um sobre o outro e sobre si próprios.

Escrito na primeira pessoa anos depois, *Uma Odisseia* é, ao mesmo tempo, a revisitação literária de um clássico e o diário sentimental dessa viagem.

«Um livro esplêndido, vívido e emocionante... uma história profundamente comovente sobre a viagem transformada de pai e filho durante a leitura — e reviver — da *Odisseia*.»

The New York Times

ELSINORE

entre nós e as palavras

20|20 editora

ISBN 978-989-8664-37-8



9 789864 664376

Biografias/Memórias

YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT